

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP, 8, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens molisum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP, 13, 14.

**Avé, Avé, Avé Maria!  
Avé, Avé, Avé Maria!**

II

Mavioso teu rosto scintilla  
suavissima lua espargindo,  
na terrena mansão onde desces  
densas trévas se vão extinguindo.

I

Dos jardins da celeste morada  
astro puro de luz e alvor  
vens cortando a esphera azulada  
circumdada de ethereo esplendor.



III

Sobre o monte coberta de relva  
deslumbrante repousas, Maria,  
mais formosa, mais pura, mais bella  
do que a aurora nascente do dia.

IV

Ó mais pura, mais bella das Virgens,  
que mais bella, mais pura não ha,  
quem no céu fór gozar teus encantos  
Mãe divina, quão ditoso será!...

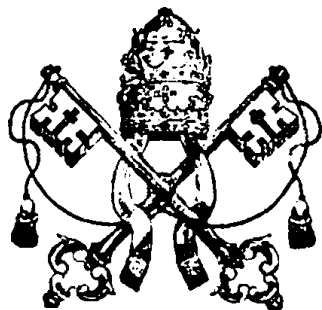
(Do hymno a N. S. de Lourdes)

**Avé Gratia Plena  
GUIMARÃES À MÃE DE DEUS**

8 de setembro de 1894

**Summario:** *Acé, Aré, Aré Maria! Guimarães á Mãe de Deus.* — *Carta encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII.* — *O milagre de Lourdes e a critica de Emilio Zola.* — **Secção religiosa:** *Religião e Patria*, por \* \* \*; *Portaria de S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. Antonin José de Freitas Honorato, Arcebispo de Braga, á grande commissão promoladora da peregrinação á Penha; Hymno da peregrinação á Virgem de Lourdes, na Penha, no dia 8 de setembro de 1894*, por C. S. — **Secção critica:** *Algumas considerações sobre a necessidade das ordens religiosas em Portugal*, expostas na Associação Leão XIII da cidade de Guimarães, pelo seu presidente A. J. Miranda, conego da Collegiada e professor de philosophia no Seminario de Nossa Senhora da Oliveira. — **Secção historica:** *Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — **Secção litteraria:** *Paizão dos interesses materiaes considerada como obstaculo ao desenvolvimento da Fé*, por J. A. Marques Junior. — **Secção bibliographica.** — **Secção illustrada.** — **Secção necrológica.** — **Retrospecto**, por *It.*

**Gravura:** *Mãe de Deus.*



## Carta encyclica

DO

### Nosso Santissimo Padre Leão XIII

Papa pela divina Providencia

AOS ARCEBISPOS E BISPOS DO BRAZIL

Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica

**R**ECEBEMOS no anno ultimo a vossa carta exprimindo-nos a vossa alegria commum e o vosso reconhecimento, porque, pouco tempo antes, a hierarchia se tinha augmentado entre vós pela instituição de uma outra provincia ecclesiastica, e a adjuncção de quatro sédes episcopaes.

É com razão que vós vos alegrades d'este novo testemunho da solicitude Apostolica para com a vossa nação. Com effeito, entre os muitos motivos porque os interesses catholicos pareciam declinar um pouco no vosso paiz, deve-se collocar o limitadissimo numero de bispos, para a extensão da região e numero de habitantes. Resultava d'ahi que estes bispos não podiam exercer sobre o clero e o povo que lhes estavam confiados, toda a vigilancia que desejavam, para conjurar os males que ameaçavam a Igreja, para fazer progredir a virtude e a dignidade da fé catholica. Tambem vós testemunhastes o vosso zelo pastoral quando, reunidos em S. Paulo, pedistes ao Pontifice Romano para augmentar a hierarchia episcopal, e Nós julgamos que deviamos secundar esta petição.

Mas, Veneraveis Irmãos, emquanto que graças ao accrescimento no numero dos bispos brilha a esperanza de um fecundo

progresso da fé christã, é comtudo do zelo de todos e de cada um de vós que se deve attender aos males que alastram de todas as partes. E para que a Nossa providencia e a Nossa affeição nada deixem a desejar por este lado, julgamos conveniente expôr-vos os pontos que Nós queremos sobretudo recommendar ao vosso zelo e que esperamos serem grandemente uteis ao progresso da fé e piedade christãs.

Deve-se primeiro trabalhar para que os homens revestidos d'ordens sacras sejam instruidos nas sciencias mais excellentes, e sobretudo n'aquellas que lhes são especialmente necessarias para que possam, segundo os deveres do seu ministerio, expôr convenientemente a verdade catholica e defendel-a vigorosamente de todos os ataques. A experiencia quotidiana o demonstra claramente: os povos são d'ordinario mergulhados na ignorancia da religião, nas partes onde os ministros sagrados não são dotados da sciencia que convem ao seu cargo. É da bocca do sacerdote, com effeito, que os fleis devem pedir a lei, *porque elle é o Anjo do Senhor*; e lemos que elle foi ordenado pelo mesmo motivo: *Que os labios do sacerdote guardem a sciencia* (*Malach.*, II, 7).

Ora o Apostolo, entre as razões pelas quaes se mostrava *como o ministro de Deus* (*II. Cor.*, VI, 6) menciona a sciencia. Quando ella falta, resulta esse mal funesto para os proprios padres, que, castigando-os Deus por terem desprezado o seu dever, são desprezados pelo povo: *É porque eu vos tenho lançado ao desprezo e á humilhação de todos os povos.*

Comtudo esta sciencia que é por vezes um ornamento e um apoio, não attingiria verdadeiramente o seu fim, se se não alliar á santidade da vida e dos costumes. Com effeito, a sciencia sem caridade *não edifica, mas ensoberbece*, hem que Christo tenha ordenado que se receba a doutrina da bocca dos ministros sagrados, e de não tomar em conta as suas obras se se afastam d'esta doutrina, entretanto é quasi natural aos homens serem mais affectados pelo que vêem do que pelo que ouvem.

Tambem a proposito do proprio Deus Salvador que foi não sómente o Mestre, mas tambem o modelo dos pastores do seu rebanho, lemos que *Elle começou a obrar e a ensinar*; da mesma forma pois

o padre expõe e recommenda a doutrina, assim como a confirma pelas suas obras.

Que sobretudo aquelle a quem foi confiada a administração de uma parochia, não recue diante do trabalho. Chamado para a vinha do Senhor, deve trabalhar e cultival-a activamente e sem descuidos, lembrando-se religiosamente que terá de prestar um dia a Deus contas muito severas das almas que lhe forem confiadas.

Mas para não perder o fructo dos seus esforços, deve em todos os tempos e em todos os seus actos, observar fielmente a disciplina. Com effeito, é uma obrigação combater valentemente por Christo, comtudo não fora da vontade e da auctoridade dos homens que o mesmo Christo escolheu para chefes da sua milicia.

Preparar-vos com semelhantes auxiliares deve ser a vossa obra, Veneraveis Irmãos: porque é um facto certo, esses padres serão precisamente taes como vós tiverdes o cuidado de os formar.

Ora, vós tendes instituições onde podeis preparar segundo o vosso desejo e o da Igreja, *ministros dignos da approvação de Deus, obreiros que não correm* (*II. Tim.*, II, 15); são os seminarios, cujo nome indica com que elevado fim foram fundados.

As vossas preoccupações e os esforços do vosso zelo devem pois tender para que os seminarios que existem já, sejam completamente florescentes, tanto pelo que diz respeito ao estudo das sciencias sagradas, como pelo que interessa á boa formação da alma dos mancebos.

Além de que estes estudos façam uteis progressos, são necessarios professores excellentes, não só possuidores de uma sã doutrina, mas tambem aptos para a ensinar como deve ser, conformando-se fielmente com as Nossas prescripções. Por outro lado, para que o joven clerigo beba no seminario o verdadeiro espirito da Igreja e se enriqueça de virtudes, é preciso escolher com muito cuidado os mestres que tiverem de o formar na piedade e cujos devem tambem ser secundados e completados pela vossa solicitude cheia de zelo.

Nas dioceses onde não ha ainda seminario algum, importa que os bispos se empenhem por o estabelecer o mais cedo e nas melhores condições possiveis, conformando-se tanto quanto possam com as decisões tomadas no Concilio de Trento

e com todas as prescripções que Nós demos na nossa carta apostolica de 27 d'abril de 1892.

Essa liberdade d'ensino que reina agora na vossa nação dá-vos mais recursos para fazer o que Nós temos recommendado ácerca da boa direcção dos estudos. Além d'isto, está-vos preparado um excellente concurso no Collegio dos Clerigos, que foi fundado em Roma a favor da America do Sul, pelo cuidado do Nosso predecessor Pio IX, de sancta memoria, collegio a cuja prosperidade Nós mesmo nos consagramos e que sustentamos vivamente.

O resultado corresponde de dia a dia mais completamente á Nossa expectativa e basta-nos lembrar que esse mesmo collegio se glorifica com justo titulo de ter contado entre os seus discipulos muitos d'entre vós, Veneraveis Irmãos.

Seria pois util, e Nós vol-o aconselhamos vivamente, que envieis a Roma, para que aqui sejam formados, os mandebos que vos derem bellas esperanças e vós podereis depois empregal-os com proveito, quer no professorado, quer n'outras funcções.

É tambem para falar dos serviços que vos prestarão as ordens religiosas. Consideramos um dever da nossa sollicitude apostolica, reparar as perdas que tenham soffrido nos tempos passados e de reconduzil-as á antiga observancia das suas regras; para que esta reforma fosse cumprida mais segundo o Nosso desejo, decretamos a 3 de setembro de 1890, que as casas dos religiosos de cada paiz seriam submettidas á auctoridade dos bispos.

Nós temos confiança de que em negocio tão util e tão importante, o vosso concurso não Nos faltaria. Resultados para Nós agradaveis foram já obtidos n'este sentido pelo cuidado do Nosso Veneravel Irmão Jeronymo, arcebispo de Petre, internuncio da Sé apostolica junto dos chefes da vossa Republica. Mas assim de que esta empreza progrida e chegue ao desenlace desejado, Nós vos exhortamos a empregar-vos activamente n'este ponto para interesse da religião e sobretudo do vosso rebanho.

Nós devemos, de passagem, felicitar as ordens religiosas, tanto d'homeus como de mulheres por terem bem cumprido as Nossas prescripções e por se mostrarem ardentes em reconduzir cada ordem á sua instituição primitiva.

Taes são, Veneraveis Irmãos, as nossas instrucções pelo que diz respeito á boa formação do clero e seu emprego no ministerio sagrado: os interesses dos fieis não reclamam menos o vosso zelo. N'esta questão ha um ponto que devemos collocar antes de todos os outros, a saber que as creanças e os homens illetrados sejam convenientemente instruidos nos elementos da Nossa santa reli-

gião e que o zelo dos parochos pelo que compete ao ensino, seja sem cessar estimulado.

Depois é preciso, já que o Estado o permite, fundar escolas para que a juventude não seja obrigada, com grande detrimento da fé e dos bons costumes, e como uso já é bem espalhado, a frequentar as escolas ou collegios dos hereticos, onde se não faz nenhuma menção da doutrina catholica, a não ser para a atacar.

Além d'isto, porque os conselhos e os exemplos mutuos fortificam as almas e as excitam a lutar e a soffrer corajosamente pela religião, prestareis grandes serviços á fé catholica e á sociedade, se aconselhardes aos leigos, especialmente aos jovens, que fundem associações christãs, e se vós tomardes tal iniciativa.

Nós temos frequentemente louvado e recommendado estas associações, porque por um lado têm por fim procurar os interesses da religião e o bem dos pobres, e por outro restringir em todo o seu poder os effeitos funestos d'essas sociedades que, abusando do nome da caridade publica, prejudicam muito a Igreja e o Estado.

Não esqueçaes nunca, Veneraveis Irmãos, quanto, sobretudo n'esta época, são potentes para o bem e para o mal os jornaes e outros escriptos analogos espalhados pelo povo. Que não seja pois um dos ultimos cuidados dos catholicos lutar tambem com estas armas pela defesa da fé christã, seguindo, bem entendido, a direcção dos bispos, e conservando intacto o respeito devido á auctoridade civil.

É necessario, emfim, que todos os catholicos se lembrem do interesse que efferece para a Igreja a escolha dos homens eleitos para a assembléa dos legisladores. Tambem é necessario que, todos, observando as leis do Estado, se esforcem por designar, pelo suffragio commum, representantes, unido ao cuidado dos negocios publicos, um zelo provado pela religião. Este resultado será felizmente obtido, se cada um se submetter á auctoridade suprema do Estado, e se todos cumprirem sempre o que Nós temos ensinado na Nossa carta apostolica sobre a constituição christã dos Estados.

Que floresçam entre vós, Veneraveis Irmãos, a caridade e a mais estreita concordia, *de sorte que vós todos tenhaes os mesmos pensamentos e sentimentos* (Philipp. II, 2.<sup>a</sup>). Para este fim, Nós vos recommendamos vivamente que communiqueis frequentemente vossas opiniões, que multipliqueis as assembléas episcopaes, segundo as distancias e segundo os deveres sagrados do vosso cargo. Tendes entre vós um legado da Sé Apostolica para vos fazer conhecer as Nossas intenções e os Nossos conselhos, e quanto a Nós, vós Nos encontraes sempre

prompto a dar o Nosso concurso aos vossos trabalhos segundo a afeição paternal, que Nós vos dispensamos.

Que Deus vos conceda com grande bondade a abundancia dos bens celestes, d'onde procede a força necessaria para desempenhar como deve ser o dever pastoral, e que estes favores tenham por penhor a benção Apostolica que Nós concedemos muito affectuosamente a vós, Veneraveis Irmãos, assim como ao clero e fieis confiados aos vossos cuidados.

Dada em Roma, em S. Pedro, a II de de julho do anno de 1894, 17 do nosso pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

## O milagre de Lourdes e a critica de Emilio Zola

(Continuado do n.º antecedente)

VII

**S**ONHARIA talvez Emilio Zola, não famoso por outra sciencia, senão pela de todos conhecida, poder elle só, com as suas romanescas imposturas, fazer parar o movimento e apagar os clarões, de que tão sabedoramente falla o dr. Boissarie?

Dirá, porventura, que tambem elle apanhou a luva de desafio atirada pelos padres e pelos devotos; que foi a Lourdes; que viu e todavia voltou incredulo como d'antes?

Muito bem; sim, foi a Lourdes certamente; mas a que? Para vêr, não; foi lá para não vêr, e não viu o que podia, porque não quiz. Andou, tomou notas, espiou tudo, visitou a gruta, as piscinas, as igrejas, a estação medica, as enfermarias, os doentes, até os curados prodigiosamente, que ao dr. Boissarie approveu apresentar-lhe, tratou com os Missionarios, guardas do Santuario, com os Padres da Assumpção, directores da Peregrinação, com os ecclesiasticos, com Irmãs, com leigos de todas as classes. Fez ahí alarde de uma ingenuidade colombina. Teve pios colloquios com o Padre Antonmaria, capuchinho, ao qual permittiu mesmo lhe contasse as pulsações do coração afervorado. Que mais? Andou na procissão de véla na mão!

Em uma palavra, elle viu tudo, menos o que devia vêr: a verdade. Foi a Lourdes, como os Phariseus a Bethania, depois de Jesus ter feito reviver Lazaro quadriduano. Foram vêr o resuscitado, não para crêr, mas para acharem pretexto para sempre mais enfuriar contra o Resuscitador.

Viram o resultado, mas nem por isso quizeram vêr na sua resurreição o Deus que a linha operado. Assim Zola andou em Lourdes; não quiz vêr lá o sobre-

natural, faltava-lhe a commissão mixta, o conselho municipal e guarda campestre para lh'o fazerem vér: quiz vêl-o para o escarnecer e dal-o em pasto aos descrentes.

A julgar pelo seu romance, deve dizer-se ter ido lá para vér o melhor modo de escarnecer tudo e todos; para metter a ridiculo Deus, a Virgem, Bernardette, a fonte, os milagres, os padres, os frades, enfermos, os curados, os que rezavam, a sciencia, a Religião e a fé. Depois, foi vér os modos de fazer, ao livro indigno, que phantasiava, o maximo reclame possível, que depois lhe rendesse, à custa dos simples, o maximo dos ganhos possíveis.

Quem percorra o trabalho de Zola e o ligue aos preludios do seu giro à Gruta de Massabielle, ahí descobre o fundo da sua critica do milagre de Lourdes.

Perguntar-nos-hão: — E para que tomal-o a serio? Não, por nenhum merito que tenha nem mesmo litterario, responderemos: mas para acautelar os pequeninos, os crédulos e os ignorantes, que tão facilmente se deixam deslumbrar pelos fingimentos de uma impiedade enganadora; e pois que os seus mestres e ministros, mesmo em Italia bracejam para fazer lér este opprobrioso romance e por magnillic-o, assim nos pareceu util desmascarar-lhe a inanidade e a tolice. Por isso demonstraremos quanto a critica do romancista para annullar o sobrenatural dos factos de Lourdes é bem acompanhada do fim proposto de enganar os parvos.

### VIII

Para os catholicos a sentença ultima e suprema sobre o milagre pertence à Igreja. Sobre muitos, entre os primeiros, realizados na gruta de Massabielle, ou por effeito da agua allí rebentada, ou pela invocação da Virgem Immaculada, ahí apparecida, foi dada essa sentença canonica no anno de 1862 e, para o seu rigorissimo exame, foram propostos 140, todos de primeira ordem, todos verificados e acontecidos nos primeiros quatro annos, seguidos às apparções, as quaes foram tambem reconhecidas por verdadeiras, seguras e repugnantes a toda a duvida. Sobre isto todo o animo sincero pôde consultar os documentos publicados pela historia com as actas da sacra liturgia, decretados, pelos Summos Pontiffes Pio IX e Leão XIII.

Discorrendo dos milagres de Lourdes, não intentamos usurpar a auctoridade da Igreja, nem proferir sentenças definitivas, e sim julgar simplesmente, humanamente, e segundo os criterios communs, os factos e os seus accessorios, como claramente superiores e contrarios às leis da natureza e, portanto, só attribuíveis à directa intervenção de Deus,

Creator e Senhor absoluto d'essa natureza. N'isto está o milagre.

Posto isto, nós affirmaremos que em Lourdes e fóra, mesmo muito longe, em varias partes do mundo, usando da agua prodigiosa allí brotada e mesmo sem ella, e recorrendo ao auxilio da Virgem Mãe de Deus, que allí se revelou, milhares e milhares d'estes factos se têm allí realisado nos passados trinta e seis annos e se realisam ainda hoje, de modo que ha relações particularisadas de mais de quinhentos annualmente.

Assim, por exemplo, o presidente do posto medico, lá estabelecido, dr. Boisserie, dando noticia das curas, registadas, com processo verbal, desde abril de 93 a abril de 94, calcula em setenta as realisadas na peregrinação maior de 1893, que todas especificou e uma a uma enumerou<sup>1</sup> comquanto se não mencionem outras muitas, porque os agraciados não cuidaram das verificações medicas, bastando-lhes agradecer de coração á Virgem o beneficio impetrado.

É verdade, que nem todas as graças são igualmente admiraveis, importantes e, por igual, demonstrações do sobrenatural. Ha, porém, d'estas em grande quantidade, ao menos pelo instantaneo que transcende o natural.

Para desfazer a visível critica de E. Zola, que, em seu romance, presuppõe imaginarias ou fingidas as doenças e, portanto, phantasticas ou simuladas as curas, será, em nosso caso, mais que bastante, narrar brevemente algumas pouquissimas das curas mais authenticas e evidentes, e depois notar a frivolidade das razões, que lhes attribue, para mostrar insubsistente o milagre. E, para que se não recorra aos subterfugios das nevroses e dos hysterismos, escolheremos algumas curas de doenças, que não têm nenhuns caracteres da nevropathia.

(Continúa).

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Religião e Patria<sup>2</sup>

QUELLE que, sem deixar-se preocupar com prevenções mesquinhas, percorra atteutamete as paginas brilhantes da nossa historia patria, encontrará, sem duvida, em toda a sua evolução gloriosa dois factores inseparaveis da nossa prosperidade e progresso.

Genios protectores d'esta nação querida, elles a bafejaram quando ainda no

<sup>1</sup> *Annaes de Nossa Senhora de Lourdes*, 25 de março de 1894, pag. 10.

<sup>2</sup> Discurso recitado na academia poetica, que se realisou no Collegio de S. Fiel, no dia 1 de agosto, por um alumno do mesmo Collegio.

berço, ampararam-lhe o passo vacillante, nortearam-n'a com seus conselhos, alentaram-n'a com seus sorrisos e atearam-lhe no coração a chamma purissima de seus sagrados enthusiasmos.

Esta chamma sagrada foi a alma de Portugal, sublimissima vivificação d'este corpo, em apparencia tão pequeno, mas que havia de ser o d'um gigante das nações.

Não quero, por mais tempo, suspender, senhores, vossa curiosidade, tanto mais que a todos vos está adivinhando o coração qual foi essa dupla origem de nossa vitalidade patria, de cujo equilibrio mysterioso dependeu sempre a nossa grandeza, quaes foram esses dois genios propicios tão irmanados, ou antes, tão unificados entre si que, sem um, não vive o outro, e só progridem caminhando a par n'um abraço, que é o segredo de sua marcha fecunda e triumphal.

Esses dois genios foram: o Patriotismo e a Religião.

Sim, senhores! Se o Patriotismo foi para nossos maiores o segredo de sua força herculea, de sua coragem indomavel, de seu heroismo sobrehumano, a Religião foi a alma d'esse patriotismo, a inspiradora sublime

• D'aquelles que por obras valorosas  
Se vão da lei da morte libertando •.

Ella embalou no berço o *miraculado de Cárquere*, cuja espada gloriosa havia de cortar definitivamente os laços que nos prendiam ao reino de Leão. Ella lhe deu por armas as que o Salvador

• para si na Cruz tomou •.

Ella, incutiu no

• pelto illustre lusitano  
A quem Neptuno e Marte obedeceram •

esse

• valôr mais alto •

com que os nossos

• varões assignalados •  
Entre gente remota edificaram  
Novo reino, que tanto sublimaram •.

Será necessario, que recorde aqui as provas ininterrompidas d'este enthusiasmo religioso, que transcende toda a nossa historia?

Não nos falarão bastante as campinas e montes do nosso Portugal, onde tudo nos recorda a piedade dos nossos maiores, desde a modesta ermudiõha, que branqueja na serra, até às grandiosas basilicas com que os nossos reis pagavam aos céos o tributo de sua gratidão!

Abobadas sublimemente arrebatadoras de Alcobaça, rendilhados phantasticos da Batalha, columnas gigantescas de Sancta Maria de Belem, deslumbrantes arcarias de Mafra! Quantos hymnos de acção de graças, recordando-nos os heroismos de Ourique e Aljubarrota, as venturas da descoberta da India, as ri-

quezas d'ouro e pedraria dos nossos domínios d'além-mar!

E se em vez d'esses livros de marmore, que a mão generosa dos reis portuguezes abriu por sobre as leiras amenas de nossas cidades e provincias, fôrmos consultar as obras immortaes dos nossos litteratos, não se nos mostrará diverso o traço característico da physionomia nacional.

Um homem houve que encarnou em si toda a nacionalidade portugueza, em cujo peito palpitou mais ardente, a grande alma da patria, que

« N'uma mão sempre a espada, n'outra a penna »

recamou de loiros as aras d'esta nação gloriosissima: este homem foi Camões. Perguntae-lhe, a elle, a causa de nossas proezas militares, e responder-vos-ha, que

« Não faltaram christãos atrevimentos  
N'esta pequena casa lusitana ».

Perguntae-lhe, quem são os que elle julga dignos de que os celebre

« A sonora lyra lusitana »,

e responder-vos-ha

« Aquelles vos direi que aventuraram  
Por seu Deus, por seu rei, a amada vida ».

Perguntae-lhe, finalmente, porque é que a nossa patria foi

« Dada ao mundo por Deus que todo o mande »

e responder-vos-ha, que

« Para do mundo a Deus dar parte grande ».

E se foi esta toda a razão de ser da nossa nacionalidade, força é confessal-o, senhores, só a religião que nos elevára á culminação da gloria, só ella podia manter-nos n'esse fastigio luminosissimo, só ella podia ter mão na decadencia e obstar ao eclipse da nossa grandeza.

Eu sei que não faltam hoje homens, que deliciando-se em curvar o joelho perante as aras d'um progresso sem Deus, apodam de obscuro, fanatico, louco o Portugal d'outras éras, só porque o guerreiro intrepido não córava de se render, como anho submisso, perante o Deus de quem reconhecia virem-lhe todas as prosperidades e glorias!

Em verdade, senhores, eu não sei como esses homens, que se atrevem a chamarem-se portuguezes, não sentem subir-lhes o rubor ás faces, lividas pelo vicio e pela molleza, quando assim alcuñham de obscura uma época luminosissima da nossa historia!

Bem disse um escriptor contemporaneo que estes, que se prézam de ornar o templo do progresso atheu com luzes tão refulgentes, não têm ao menos uma vélasinha para accender á estatua do brio, do cavalheirismo, da grandeza passada.

Senhores ! Nós ainda hoje vivemos do passado. Sem duvida, saúdo com entusiasmo todas as descobertas modernas,

mas o decorrer dos seculos é fecundo, e as gerações vão amontoando elementos com que o porvir se enriquece. E depois, esses progressos, sejamos francos, não são nossos, são de toda a humanidade. Temos por elles mais motivos de sermos agradecidos do que de nos ufarmos.

O que é nosso, o que ninguem pôde tirar-nos, é a gloriosa recordação d'um passado que as nações admiram em côro, e que oxalá podessemos chamar presente. São essas descobertas immortaes, são essas victorias prodigiosas, é essa grandeza colossal de uma nação, pequenissima em territorio, e que era a senhora do mundo; d'uma nação, que os potentados da Europa reverenciavam, e diante da qual tremiam os dominadores do extremo oriente; d'uma nação, que era a senhora dos mares, e que, enquanto sulcava com suas quilhas o Oceano, ouvia sahir das recortadas costas de tres continentes uma voz de submissão e respeito, um hymno de amor e victoria!

Essa é a nossa gloria, senhores, estas são as recordações que podem fazer vibrar um coração portuguez; e essas glorias, bem o sabeis, foram a corôa scintillante do Portugal christão. A fé, a religião, a piedade, eis os grandes motores das empresas de Portugal!

Ah! Senhores! Esses tempos passaram; a Europa pergunta pelo nosso nome, e se ainda faz lôr á infancia nos diferentes paizes os nossos feitos d'outr'ora, é para que mais resalte a nossa insignificancia presente ao lado da grandeza passada.

Do nosso vastissimo imperio colonial... que ficou? Um epitaphio gravado nas rochas africanas, e nas ruinas de Diu e Velha-Gôa, um epicedio escripto com o sangue de nossos heroes immortaes!!! E os mares? Elles que outr'ora só embalavam as quilhas lusitanas, que no rugir de suas ondas só repetiam o nome de *Portugal*, são hoje a herança d'essa alliada fiel, que

Agora, depois do atar-me  
Pouco a pouco ao carro seu  
.....  
Poz-me ahi nos mares bravos  
Sô sentinella de escravos,  
Seu interesse a defender;  
E se vê no ar alçada  
Do negreiro a bufetada,  
Deixa-m'a mim receber.

Corramos um véo sobre este quadro sinistro; o dia é de louros e não de crepes, e além d'isso um sorriso de esperanza vem já despontando no horisonte da nossa patria. Os nossos longos infortunios parece terem trazido ahi fêcundos desenganos. Mais d'uma voz auctorizada e insuspeita declarou recentemente que após tantas tentativas utopistas sem resultado, nem esperanças

d'elle, só um meio restava á nossa querida patria: a Renascença do espirito catholico em Portugal.

E esta renascença, senhores, por toda a parte se vai manifestando vigorosa e salutar n'este nosso torrão abençoado!

Não! Não! Deus não esquece este Portugal, que é seu mais que nenhuma outra nação. A Renascença do espirito catholico em Portugal é a mais exuberante prova do que affirmo.

Quatro grandes manifestações echoaram de um extremo a outro de Portugal, no decurso do presente anno. Duas foram saudaveis recordações de um passado de glorias, duas são claros indícios d'um presente esperançoso.

Das duas primeiras foram theatro a cidade invicta e a cidade litteraria. O Porto celebrando o centenario henriquino retemperou-se com a recordação de uma das glorias mais puras do patriotismo e da religião, o immortal Infante D. Heñrique, um grande christão e um grande portuguez! Coimbra, festejando com as mais brilhantes plausibilidades a *Rainha Sancta*, recontou-nos as glorias do nosso throno, e consolou-nos com a sympathica figura de Isabel, da qual tão judiciosamente disse Vieira, que foi maior Sancta porque Rainha, e maior Rainha porque Sancta.

As outras duas manifestações, presenciou-as a Roma portugueza e a gentilissima Lisboa, a nossa formosa capital.

Não podiam imaginar-se provas mais concludentes da vitalidade catholica do nosso paiz, do que a peregrinação ao Sameiro, e as grandes pompas religiosas dos dias 29 de junho e 1 de julho proximo passado. Dentro da nossa patria os bons exultaram de jubilo e encheram-se d'esperanças. Dos maus, uns mais prudentes confessaram a energica significação d'esses actos; outros mais insoltridos esbravejaram, como loucos furiosos, e repetiram a já cauçada e sédiça ladainha de insultos estereotypados contra os chamados *ultramontanismo e reacção*.

Das nações estrangeiras não poucas consignaram com elogio o facto em suas revistas, dignando-se, talvez pela vez primeira, consagrar artigos extensos para falar de nós com louvor.

Emfim, senhores, o anno presente, assignala nos fastos da nossa querida patria uma era de renascimento e esperanza, renascimento e esperanza que só da religião nos pôde vir.

Permitti, senhores, que em commemoração d'estes successos tão sympathicos para nossos corações, hoje entre as alegrias d'este dia, em que vemos coroadas nossas lides escolares, façamos ouvir o modesto som de nossas lyras, cantando a esperanza do porvir, nas imponentes manifestações do anno presente. Disse.

## PORTARIA

DE

S. EXC.<sup>a</sup> REV.<sup>ma</sup> O SENHOR

## D. ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO

ARCEBISPO DE BRAGA, PRIMAZ DAS HESPAÑHAS

## À GRANDE COMMISSÃO PROMOTORA DA PEREGRINAÇÃO À PENHA

NO DIA 8 DE SETEMBRO

ATTENDENDO ao que Nos representou a illustre Commissão promotora da projectada grande Peregrinação a Nossa Senhora de Lourdes, na Penha, suburbio da Cidade de Guimarães, no dia oito do proximo Setembro, festa da Natividade da Bemaventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e dos homens, em commemoração do 50.<sup>o</sup> anniversario do Apostolado da Oração, em Portugal; e não permittindo as Nossas forças phisicas que pessoalmente possamos tomar a presidencia d'essa manifestação catholica, como era desejo dos vimaranenses, Nossos muito amados Filhos em Jesus Christo, expresso pela mencionada Commissão e Nosso, que pelo Sagrado Coração de Jesus, Nosso Divino Redemptor e Salvador, temos intima e fervorosissima devoção, e n'Elle e na intercessão da Divina Mãe depositamos a mais firme esperança de rejuvenescimento da nossa querida patria por meio das virtudes christãs; Havemos por bem não só declarar que do melhor grado acceitamos e tomamos a presidencia honoraria d'aquella manifestação catholica, da qual esperamos copiosos fructos de benção, commettendo ao muito Reverendo Desembargador da Nossa Relação Ecclesiastica, João Nepomuceno Pimenta, Professor e Vice-Reitor do Nosso Seminario Conciliar, as Nossas vezes, para tomar a presidencia pessoal na mencionada manifestação, mas de todo o Nosso coração abençoar a referida Commissão, os Fieis vimaranenses e todos quantos na mesma manifestação de fé e piedade tomarem parte, ainda que só em espirito, quando mais não possam; e a todos e cada um dos mesmos Concedemos 40 dias de verdadeira indulgencia, se devotamente rezarem um *Padre Nosso, Avé Maria e Gloria*, em honra do Sagrado Coração de Jesus, e pelas necessidades espirituaes e temporaes da Egreja em geral e da nossa querida patria em particular. Registe-se, publique-se na *Voz da Verdade*, e remetta-se á supradicta Commissão, para seu conhecimento e demais effeitos.

Paço de Braga, aos 25 de Agosto de 1894.

*Antonio, Arcebispo Primaz.*

Registada no livro competente.

*J. Guimarães.*

# HYMNO

DA

## PEREGRINAÇÃO À VIRGEM DE LOURDES, NA PENHA

8 DE SETEMBRO DE 1894

Offerecido ao Rev.<sup>mo</sup> Snr. Padre Francisco Antonio Peixoto de Lima,  
dignissimo Director diocesano  
do Apostolado da Oração, em Guimarães

### CÔRO

Entre votos, preces, hymnos,  
Guimarães hoje se empenha  
Em dar à Virgem da Penha  
Tributos de devoção.  
Acolhe os teus peregrinos,  
Virgem das margens do Gave,  
Avó, ó Flôr de Lourdes, Avé!  
Ó Virgem da Conceição.

A teu amparo, ó Maria,  
Habituaados já tens  
O Berço da Monarchia,  
Os filhos de Guimarães.  
A symbolica oliveira  
Já fadava a cabecceira  
De nosso berço infantil,  
E nossas mães em teu seio  
Calmavam trépido anceio  
De nossos perigos mil.

És nossa Mãe; nosso abrigo  
Vimos sempre em Ti buscar,  
Na cidade em templo antigo,  
No monte em rustico altar.  
No templo de Mumadona  
A oliveira nos abona  
Da lucta christã a paz,  
E essa gruta lá no alto  
Contra os repentes do assalto  
Materna guarda nos faz.

Agosto, 1894.

Se nos abate em desmaios  
Justa vingança dos céos,  
Lá no alto és pára-raios,  
Boa Mãe de filhos réos.  
No alto, ó Virgem de Lourdes,  
Nas brumas da terra surdes,  
Como na costa um pharol,  
Como em noite pavorosa  
Entre visos d'oiro e rosa  
Aurora de eterno sol.

Que bem ficas a nascente,  
Ó Mãe de quem Deus nasceu!  
Assim brilhe sem poente  
O teu Sol ao povo teu!  
Alla ficas na montanha,  
Que houvera de ser penha  
Formada de corações.  
Tens ao pé, e te apregôa  
Pio, que em tua corôa  
Poz o melhor dos florôes.

Como d'essa tua penha  
Aguas saudaveis nos vem,  
De tua gruta a nós venha  
Rio de graças tambem.  
Com aguas de tua serra  
Ostenta-se a nossa terra  
Vergel, pomar e jardim.  
Se fonte de graças fôres,  
Nossas almas darão flôres  
De um maio, que não tem fim.

Sim, ó Mãe, pois nos pertences  
E pertencemos-te nós,  
Torna aos teus Vimaranenses  
A antiga fé dos avós.  
Ao character a firmeza,  
Aos costumes a pureza,  
Fidalguia ao coração.  
Seja o mote d'esta terra:  
— Paz ao bem, ao vicio guerra;  
Ser heroe e ser christão. —

C. S.

## SECÇÃO CRITICA

Algumas considerações sobre a necessidade das ordens religiosas em Portugal, expostas na Associação Leão XIII, da cidade de Guimarães, pelo seu presidente A. J. Miranda, Conego da Collegiada e professor de philosophia no Seminario de Nossa Senhora de Oliveira.

(Continuado do n.º 15)

Podia agora enumerar os relevantes serviços prestados em Ceylão pelos frades da Congregação de S. Philippe Nery, em Bengala e costa de Coromandel pelos Eremitas de Sancto Agostinho, pelos Dominicanos em Solor e Timor, pelos Thiatinos em Mussalipatão e Golconda, pelos Carmelitas em Balagatte, pelos Franciscanos nas ilhas de Salsete e em Bombaim. Mas ha um facto que todos conhecem e que é mais eloquente que tudo o que melhor se possa dizer. Esse facto é o nosso padroado do Oriente.

Aquelles vastissimos territorios governados ainda hoje, na maior parte, por bispos nossos, e onde o nome portuguez nunca deixou de ser respeitado, não poderiam existir para nós d'essa forma se não tivéssemos a isso direito. Esse direito baseia-se principalmente nos grandiosos serviços que prestaram á fé os nossos antigos e melhores missionarios — os frades.

O padroado do Oriente não o possuímos por simples privilegios ou meras concessões dos SS. Pontifices; possuímo-lo, porque o adquirimos por titulo oneroso, pela evangelisação que é um trabalho, e o trabalho é o titulo mais legitimo de todas as posses. A Sancta Sé tem reconhecido isto mesmo, fazendo valer a justiça da corôa portugueza contra as diligencias que têm sido empregadas para nos esbulharem d'esse direito.

Mas em virtude da extincção das ordens religiosas, o nosso dominio colonial está proximo da ultima decadencia e o padroado, á mingoa de missionarios que o sustentem, está condemnado ao completo desaparecimento.

O protestantismo, tolerado e garantido por um governo que tem a ousadia de chamar-se catholico, espalha-se desassombradamente por todas as nossas colonias ultramarinas procurando destruir em proveito da Inglaterra o novo dominio religioso, politico e economico.

Se até hoje, os nossos direitos e as nossas crencas não foram totalmente assoladas por essa torrente devastadora, é porque o nome portuguez, gravado outr'ora no coração do indigena pela generosidade e beneficencia dos missionarios das ordens religiosas, lhe merece ainda confiança e lhe inspira franca dedicacão. É porque ainda vivemos do passado. Se algum progresso ha e garantia de estabilidade, é nas colonias onde se estabeleceram missões de ordens religiosas estrangeiras, felizmente toleradas, ainda que a custo.

Os missionarios seculares não satisfazem de longe nem pelo numero, nem pela aptidão, a lacuna deixada pelos frades.

As missões officiaes seculares que actualmente existem, quasi todas sem pessoal, sem meios sufficientes para o seu proficuo desenvolvimento, sem um principio disciplinador que lhes dê um caracter de uniformidade e permanencia, pouco valem deante de tão lastimoso abatimento moral, politico e religioso, e em frente do perigo imminente, que nos ameaça. Alguns padres dispersos pelo sertão, desprovidos dos recursos necessarios, a maior parte servindo a patria por um compromisso, não podem de nenhum modo resistir ás numerosas e bem combinadas forças da propaganda protestante.

Só com o restabelecimento das ordens religiosas podemos ter numerosos missionarios que, pelo saber, pela abnegação, pelo sacrificio e pelo patriotismo, possam lutar com vantagem com esses abutres famintos das nossas crencas, da nossa riqueza e da nossa honra. Só assim poderemos defender os nossos direitos, sustentar o nosso nome e garantir a prosperidade das colonias ultramarinas.

É esse tambem o unico meio de podermos conservar o padroado do Oriente. A falta de missionarios tem-se alli tornado tão sensivel, que a propaganda fide tem mandado para lá padres seus. A Sancta Sé tem até hoje, mais ou menos, attendido as reclamações da corôa portugueza, mas se n'aquellas egrejas continuam a faltar padres, o Summo Pontífice ha de talvez afinal determinar o que mais conveniente lhe parecer para o bem espirital dos fleis.

E assim desaparecerá a joia mais preciosa da corôa portugueza, e com esse desaparecimento talvez fiquem perdidas essas poucas possessões que ainda lá havemos.

(Continúa).

## SECÇÃO HISTORICA

## Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º antecedente)

103.º

CCXXI

P. Antonio de Macedo

ESTE religioso da Ordem de Sancto Ignacio pertence ao nosso reino, tendo por berço a cidade de Coimbra, no anno de 1612. Entrou na Companhia, em Lisboa, a 25 de agosto de 1626. Em breve o padre Antonio de Macedo se deu a conhecer como uma grande capacidade scientifica, sendo escolhido para ensinar humanidades e theologia moral em Sancto Antão.

Exerceu por algum tempo a prédica em Portugal e depois foi enviado como missionario a Mazagão, colonia portugueza na Africa, onde com reconhecido zelo doutrinou na Fé os negros d'aquella região.

Regressando á sua patria, acompanhou á Suecia o embaixador José Pereira Pinto como seu confessor e como secretario da embaixada, cargo para que foi nomeado por el-rei D. João IV a 24 de junho de 1650. Reinava então na Suecia a famosa Christina, filha de Gustavo Adolpho, o heroe do protestantismo.

O padre Macedo, entrando n'um paiz heretico e em que não ha muito se tinha perseguido atrozmente o catholicismo e os que o professavam, ia disfarçado de vestidos seculares, como costumavam fazer outros sacerdotes catholicos nos paizes protestantes.

Apesar d'este disfarce, a rainha da Suecia suspeitou que o secretario da embaixada era um jesuita. A sua modestia, a sua vida retirada, a sua profundidade de conhecimentos em materias religiosas lhe revelaram n'aquelle homem um religioso da Companhia de Jesus.

Christina teve varias entrevistas com o nosso Macedo, que procurou elucidal-a sobre a religião, e não tardou a reconhecer o erro do protestantismo, resolvendo-se a abraçar o catholicismo e ao mesmo tempo a abdicar a corôa da Suecia, o que afinal cumpriu.

Foi, pois, o jesuita Macedo o primeiro que levou a luz da Fé ao espirito atilado de Christina, que depois acabou de ser instruida por outros jesuitas. Em Stockholm foi Macedo missionario como entre os negros da Africa.

Da Suecia partiu Macedo para Roma, onde esteve vinte annos, occupando alli



o lugar de penitenciario da igreja de S. Pedro.

Voltou a Lisboa onde foi reitor do noviciado. Passou outra vez a Roma na qualidade de procurador d'esta provincia. De regresso á sua patria, serviu de reitor do collegio de Evora e preposito da Casa de S. Roque.

Em toda a parte, em todos os cargos que exerceu, procedeu sempre com sabedoria e prudencia, como bom religioso da Companhia.

Morreu no collegio de S. Roque a 15 de julho de 1695, com 83 annos de idade. Escreveu sobre historia ecclesiastica e biographias. E tambem deixou algumas poesias.

Notaremos por ultimo que este jesuita era irmão do grande sabio fr. Francisco de Sancto Agostinho de Macedo, da Ordem de S. Francisco.

## CCXXII

## P. Bernardo Zamagna

Nascido em Ragusa, no anno de 1735, na idade de 16 annos entrou na Companhia de Jesus onde se deu a conhecer como um sabio hellenista, sendo em Milão professor de litteratura grega.

Tambem ensinou rhetorica e philosophia em Sienna.

Zamagna especializou-se não só por seus conhecimentos litterarios, mas ainda pelo cumprimento dos deveres religiosos.

Sendo extincta em 1873 a Companhia de Jesus, regressou á sua patria, d'onde foi enviado pelo senado a Pio VI. Morreu em Milão a 2 de abril de 1820.

As suas obras, quasi todas em latim, constam de varias poesias e traducções de auctores gregos.

## CCXXIII

## P. Claudio Teixeira

Este celebre orador sagrado illustrou a cadeira evangelica no reinado de Luiz XIV, fazendo ouvir o seu verbo eloquente na cõrte de França. Tinha nascido em 1610. De 18 annos de idade, alistou-se na milicia de Sancto Ignacio, onde foi muito considerado pelo ascendente das suas virtudes e talentos.

O jesuita Claudio Teixeira dedicou-se de preferencia, com todo o zelo, á direcção das consciencias e á prégão da palavra de Deus. E ao mesmo tempo foi reitor dos collegios de Limoges, de Poitiers e da casa professa de Bordeus, e finalmente provincial da Ordem na Aquitania.

Morreu em Bordeus a 24 de abril de 1687 este exemplarissimo religioso e eloquente orador, deixando muitas obras

de piedade e sermões notaveis pelo assumpto e pela fórma.

Deve, porém, confessar-se que os sermões do padre Teixeira não podem servir de modelo para a prédica, mas unicamente para serem lidos. Assim pensam alguns criticos. Porque elle em regra seguiu o methodo demonstrativo, sendo os seus sermões uma especie de tratados dogmaticos das verdades religiosas. E n'este sentido são de grande merecimento.

Comtudo, não pôde negar-se que os seus discursos são muito proprios para esclarecer o espirito.

(Continúa).

PADRE JOÃO VIEIRA N. CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO LITTERARIA

## Paixão dos interesses materiaes considerada como obstaculo ao desenvolvimento da Fé.

(Continuado do n.º 15)

## I

É verdade, senhores, se o seculo contemporaneo parece ter progredido na escala dos inventos, não é menos innegavel que tem descido muito na esphera da moral: hodiernamente o aurifulgente lampadario da Fé vacilla, desliza e bruxoleia, ameaçando apagar-se, extinguir-se e desaparecer.

E porque? Porque, na maioria dos casos, o sustentaculo que mantem as lucubrações, a bussola que norteia os calculos e o iman que attrahe o trabalho é unica e exclusivamente — a *ambição do dinheiro*.

É tal a loucura e o desvairamento, que até, como incentivo á avariza e amor do dinheiro, se celebram já concursos de millionarios. Ainda em 1885 se realizou um certamen d'este genero, onde o primeiro premiado foi Abée Jubelice, notavel millionario, que, apesar da sua colossal fortuna, acaba de morrer em Tanger como qualquer mortal.

Verdade seja que não data de nossos dias esta paixão, que chega a tocar as raias do delirio e inverosimilhança:

Ha muitos seculos que o rei Midas pedia aos deuses que convertessem em ouro tudo o que elle tocasse; — que Virgilio em seus immortaes versos deplorava amargamente a *auri sacra fames*; — e que a Edade média com a inspiração das suas sciencias occultas procurava nos laboratorios a famosa pedra philosophal. Mas nunca em tempo algum a paixão

pelo dinheiro se generalizou d'um modo tão assombroso e extraordinario como na actualidade: haja vista ás frequentes e numerosas emigrações, que em varios paizes se têm realisado, pondo em grave risco o desenvolvimento agricola; e tambem as fraudes que se têm engendrado, os roubos que se têm commetido e os assassinatos que se têm perpetrado para haver e adquirir uns miseros cobres, que de fórma alguma podem dar repouso e conceder felicidade.

Existem relações muito intimas e logicas entre a *paixão do ouro* e a *incredulidade*: Judas, entregando o Divino Mestre por trinta dinheiros, é um symbolo claro e evidente de que a avariza é naturalmente, essencialmente, mãe da apostasia.

O antagonismo entre Deus e o culto do dinheiro é tão absoluto, completo e radical, que o Salvador, como se vê em S. Matheus, disse expressamente: *Non potestis Deo servire et Mammonae*<sup>1</sup>.

Emquanto os povos, não curando exclusivamente dos interesses materiaes, consideravam a vida como um caminho e não patria, a vida como peregrinação e a morte como emigração, eram felizes timoneados pelo Inzeiro da Fé, acalentados pelo sorrir da Esperança.

Hoje, porém, que o espirito do seculo lhes affirma que a terra é o termo de todas as suas aspirações e que o céo não passa d'uma mystificação, producto phantastico de espiritos visionarios, calca-se a justiça, despreza-se o direito, encarnecem-se as obrigações.

Senhores: Abrindo o grande livro das Nações e examinando as suas paginas seculares, reconhecemos que o culto da Fé entre ellas depende do espiritualismo das suas idéas, da elevação das suas intelligencias e da austeridade dos seus costumes; mas logo que a desordenada paixão dos interesses materiaes as empolga — as idéas materializam-se, a intelligencia atrophia-se, os costumes depravam-se; e consequentemente a Fé escapa-se, evola-se.

## II

E na realidade o *espiritualismo das idéas* está na razão inversa dos affectos materiaes. Quando os sentidos são a unica bussola, que dirige os lampejos da intelligencia, olvida-se todo o sobrenatural, e as realidades impalpaveis apenas são consideradas como mythos e ficções.

Vem a *philosophia* e diz ao homem — tu és um deus, e elle... crê; ou antes affirma-lhe — tu és puro animal; e elle... melhor se deixa convencer e persuadir.

N'este estado morbido do espirito humano, as *sciencias naturaes*, que deviam

<sup>1</sup> Math., VI, 24.

ser uma especie de theologia physica, um hymno surgindo e elevando-se da razão até ao Creador e depurando-se nos vastos laboratorios da natureza, constituem o mais poderoso instrumento dos devaneios humanos e o mais veloz mensageiro de funestos erros; a *litteratura*, que devia ser a nivea pomba exaltando o espirito publico ás regiões do bello pela arte de bem pensar e bem escrever, transforma-se em caudal de egoismo e requintes de sensualismo; a *esculptura* e a *pintura*, que deviam ser a capella onde se alindaria e enalteceria a belleza religiosa, vergam depauperadas rastejando no mais sordido realismo.

(Continúa).

J. A. MARQUES JUNIOR.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Anno Christão. — Temos mais um fasciculo, o 9.º, da bella obra *O Anno Christão*, que o snr. Antonio Dourado está distribuindo. É, como todos sabem, uma obra excellente e por assim dizer indispensavel na bibliotheca d'um catholico.

O snr. Antonio Dourado está prestando um bom serviço com esta nova distribuição do *Anno Christão* nas mesmas condições da primeira.

Nós mais uma vez recommendamos a aquisição de tão bom livro.

\*

Publicou-se tambem o n.º 273 da magnifica revista hespanhola *La Guirnalda y la Bordadora*, cuja administração é na calle de Archs, 8, pral. Barcelona. Agradecemos os exemplares que nos foram offerecidos.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Uma missa campal

(Vid. pag. 181)

NUM descampado immenso e sob a copa verdejante de uma arvore secular realisa-se o acto mais solemne e imponente do culto catholico — o incruento Sacrificio.

O coração do verdadeiro christão sente-se transmudado a ignotas regiões todas celestiaes, divinas. Deante do sacerdote, que representa Jesus Christo e a quem foi dado o poder de operar o prodigioso milagre da transsubstanciação — *Hoc facite in meam commemorationem* — curvam-se reverentes os fleis e adoram a Hostia Sacrosanta, onde está *verè, realiter et substancialiter*, o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso

Senhor Jesus Christo. E aquellas almas sentem os sanctos jubilos, que a oração lhes dá em esperanças consoladoras, e unidas com o Ministro de Jesus Christo parece que se esquecem da terra por momentos para gozar os prazeres da Caridade, que realisa o *jucundum in unum*.

### Lucta de gladiadores

(Vid. pag. 187)

Contrasta perfeitamente esta gravura com a anterior. Acolá reina a caridade, aqui o odio; n'uma ha preces dulcissimas; n'outra impretações horribéis; n'aquella ha a paz, n'esta ha a guerra; a missa é a instituição, que tem origem em Jesus Christo omnipotente, omnisciente e bom; a *lucta de gladiadores* é um *espectaculo*, que nasceu do homem pagão, que só busca o que é baixo e degradante, que só tem uma aspiração — *panes et circences* — gozar, ainda que para isso tenha de correr o sangue de irmãos. As luctas de gladiadores usavam-se muito nos tempos do imperio romano, quando, em vez de homens, se sentavam feras no throno da Roma pagã.

## SECÇÃO NECROLOGICA



Em Ponte do Lima, terra da sua naturalidade, falleceu o extremoso pae do nosso prezado amigo e illustrado e virtuoso ecclesiastico, rev.º snr. padre José Maria Fiusa, dignissimo capellão de infantaria 20.

Avaliando a dôr, que experimentou s. rev.ª, pelo muito amor, que consagra a seu pae, devia ser intensissima, torturante.

Ao snr. padre Fiusa enviamos a expressão do nosso sentir, e aos nossos bondosos leitores pedimos, que orem pelo descanso eterno do fallecido.

REQUIESCAT IN PACE.

## RETROSPECTO

Approxima-se o dia 8 de setembro, em que tem de realisar-se a imponentissima peregrinação á Penha, promovida pelo Centro do Apostolado da Oração, a cuja frente está o benemerito je-

suita, rev.º snr. padre Bento José Rodrigues. Não é facil descrever o entusiasmo de que se acham possuidas todas as classes vimaranenses. O dignissimo director diocesano e local do Apostolado, no circulo de Guimarães, rev.º snr. padre Francisco Antonio Peixoto de Lima, tem sido d'uma actividade superior a todo o elogio. A s. rev.ª deverá esta manifestação catholica grande parte do seu esplendor, pois não se tem poupado a trabalhos para que a grande peregrinação do dia 8 seja o que deve ser — devota, imponente, edificante. . .

S. exc.ª rev.ª, o snr. Arcebispo Primaz, cujo amor à Virgem Immaculada e ao Sagrado Coração de Jesus é bem conhecido, dignou-se, accedendo ao convite da grande comissão, abençoar todos os peregrinos e enviar, como seu representante, o dignissimo vice-reitor do Seminario Conciliar, rev.º snr. dr. João Nepomuceno Pimenta, que presidirá ao religioso cortejo, acompanhando-o até à Penha, e celebrará a missa campal, na gruta de N. S. de Lourdes. O dignissimo Arcipreste d'este julgado tambem accitou a presidencia honoraria da grande comissão e acompanhará a peregrinação do dia 8, presidindo ao grupo clerical, que se espera será numeroso.

O exc.º snr. José Ferreira d'Abreu, digno membro da camara municipal de Guimarães, conduzirá a bandeira do Apostolado d'esta cidade, a cujas borlas pegarão os exc.ª surs. dr. Manoel de Jesus Pimenta, dignissimo vice-reitor do Pequeno Seminario, conego Alberto de Vasconcellos, commendadores Luiz José Fernaudes e Manoel José Teixeira.

\*

O rev.º snr. padre Bento Rodrigues dirigiu convites aos rev.ªª directores locais do Apostolado d'este circulo, em numero de 12, para se fazerem representar na grande peregrinação.

Espera-se, que todos tomem parte n'esta imponente commemoração do 50.º anniversario do Apostolado da Oração, em Portugal.

\*

O hymno, cuja lettra publicamos hoje, foi composto pelo maestro italiano, snr. Giuseppi Gessi, que se inspirou na bellissima e piedosa poesia do insigne poeta vimaranense, rev.º padre Campo Sancto, provincial dos jesuitas, em Portugal.

\*

São dignos de todo o louvor os briosos empregados do commercio de Gui-

marães. Mandaram fazer uma bandeira de sêda, com o monogramma da — *Avé Maria* — e por extenso — *Gratia Plena* — *Os empregados do commercio.*

Offerecem tambem uma magnifica banquetta para o altar de Nossa Senhora de Lourdes e contractaram uma banda de musica, que os acompanhará durante o percurso da peregrinação.

\*

Tambem os artistas vimaranenses, a cuja frente está a numerosa classe de artistas de costumes, tomarão parte na grande peregrinação do dia 8 com as suas bandeiras e acompanhados d'uma banda de musica.

\*

A commissão executiva pediu e espera alcançar dispensa da abstinencia para o dia 8 (sabbado).

\*

Mas... vamos apresentando um *retrospecto-programma*, sem que aos nossos bondosos leitores dessemos novidades, pois a peregrinação à Penha já é bem conhecida, pela imprensa do paiz. Ahí vae pois uma novidade: reuniu a *chafarica* lisbonense e aterrada com a propaganda, que a *seita negra* vae fazendo (quer dizer, pèrros pelo movimento catholico, que, felizmente, se vae operando em Portugal) resolveu apresentar um *papão* jesuitophobo, que tem o titulo de *Anti-jesuita*.

No genero não pôde haver melhor. A historia é martyriada, a logica banida e a grammatica apparece-nos ensanguentada. Por tudo isto, é um horror o tal *papel*; mas não deixa de ter graça e muita graça, se abstrahirmos da compaixão, que sempre deve sentir-se, quando a par da mais crassa ignorancia, se encontra a mais requintada má fé.

Sentimos não dispôr de espaço para transcrevermos nas columnas do *Progresso Catholico* as... (*bellezas?* não) *pateticos* do jesuitophobo, porque são ellas de molde a comprometter a causa da impiedade que o *papel* pretende advogar com as suas declamações ridiculas, affirmações mentirosas e argumentação estulta. Mas lá vae um bocado, para os nossos leitores avaliarem a craveira por qué se deve medir o *talento assombroso dos neo-jornalistas*, que rabisam na tal *gazeta*.

Depois de se affirmar (sem se provar, porque não é preciso) que Caserio, o assassino de Carnot, foi educado por jesuitas, pois só elles sabem fazer *d'estas bonitas obras*... (*risum tenentis?*), diz-nos, que em Portugal, desde que ellas (os jesuitas) se têm tornado mais visi-

veis, já os anarchistas vão fazendo as suas visitas, vejam (*acrescenta o Anti*) o que diz a *Vanguarda do dia 17 do corrente*: «a policia de Portalegre descobriu, que uns operarios rolheiros d'esta cidade recebiam jornaes de propaganda anarchista, que lhes eram distribuidos por João Marques, natural d'Evora. Procedendo-se a uma busca em casa de João Marques, foram-lhe apprehendidos alguns jornaes e folhetos anarchistas.»

*Digam* (commenta o *Anti*) *embora que somos terroristas, mas se estas cousas saltam á vista, não podemos, portanto, dizer o contrario...*

Os leitores querem um commentario? Elle ali vae:

?!?!...

\*

Deixemos, porém, gritar estes pobresinhos, peçamos a Deus a sua conversão e vejamos o *mal*, que faz a benemerita Companhia de Jesus.

No dia 12 d'agosto realisou-se no Collegio da SS. Trindade, estabelecido no magnifico palacete, que pertenceu ao falecido conde de Sancta Luzia, a distribuição de premios aos alumnos externos, que se distinguiram em comportamento e applicação ao estudo. Nós quizeramos vér ali os inimigos dos jesuitas; sim quizeramos que sentissem a alegria, de que se achava possuida a numerosa e selecta assembléa ao contemplar aquelles rostos juvenis, risinhos, cheios de confiança nos seus bondosos preceptores.

Presidiu áquella sympathica festa infantil o nosso respeitavel amigo e dignissimo vice-reitor do Seminario de N. S. da Oliveira, exc.<sup>mo</sup> snr. dr. Manoel de Jesus Pimenta. Principiou esta festa, que se realisou no jardim do Collegio pela *Marcha de Sancto Ignacio*, cantada por um côro de estudantes, acompanhado ao piano; seguiu-se um bello discurso magistralmente declamado por um alumno interno, que foi muito applaudido. Depois houve um *Certamen grammatical* em latim e grego, por 6 alumnos internos — *Romanos e Carthaginezes* — lueta admiravel, em que os belligerantes, sem deixar de se amar como irmãos, procuravam vencer o inimigo com a *terrivel arma* da difficuldade grammatical, latina ou grega. E n'esta lueta (coisa admiravel) não houve vencidos! É certo que os que estavam sob a bandeira de Garthago receberam o premio dos vencedores — uma medalha, que o digno presidente lhes collocou ao peito; os outros — os que estavam sob a *bandeira romana* — mostraram tambem que foram assiduos no estudo, que sabiam, e por isso receberam como premio palmas do auditorio. Seguiu-se o *Agradecimento dos belligerantes*, discurso por um alumno interno;

premio de comportamento; *Estimulo ao estudo*, dialogo pelos snrs. João Pedro de Bourbon e Antonio de Padua Calheiros d'Abreu; premios de ensino secundario; *Jeunesse et charité*, poesia pelo snr. Athanasio Augusto d'Almeida Silvano; premios de ensino elementar e complementar; *Bébé — Bibi*, dialogo infantil pelos snrs. José da Costa Vaz Vieira, Armindo C. Junior e F. P. S. de Bourbon; premio de ensino preliminar e *Agradecimento final*, dialogo pelos snrs. José J. O. C. Bastos, Almiro A. Cruz Basto e J. J. C. Oliveira Basto.

Terminou esta sympathica festa por um bello discurso do digno presidente snr. dr. Manoel de Jesus Pimenta, que n'uma linguagem correcta dirigiu aos jovens estudantes uma saudação entusiastica pela sua applicação ao estudo e exemplar comportamento, incitando-os a progredir sempre no caminho encetado; e, dirigindo-se á numerosa assembléa, declarou, que lhe era muito grato encontrar-se ali para dar um publico testemunho da muita consideração que tem por aquella casa, onde a par da educação verdadeiramente christã, se encontra a instrução cuidadosa.

S. exc.<sup>a</sup> foi muito applaudido. Ouvidas algumas palavras de agradecimento, que o rev.<sup>mo</sup> padre Bento Rodrigues dirigiu a todas as pessoas presentes, retiraram-se estas muito satisfeitas pela bella tarde que passaram, contemplando as bellezas que tem o estudo assiduo alliado á cultura das virtudes christãs.

Agradecemos muito reconhecido o convite, que nos foi dirigido.

\*

S. exc.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> o snr. Arcebispo Primaz nomeou seu secretario particular o nosso prezado amigo, illustrado e virtuoso sacerdote, rev.<sup>mo</sup> snr. dr. João Alfonso da Cunha Guimarães. Damos parabens ao rev.<sup>mo</sup> snr. dr. Cunha Guimarães, pelo alto cargo para que foi nomeado, e, se nos fosse permitido, davamol-os egualmente ao nosso querido Prelado pela acertadissima escolha, que fez.

\*

Para que os leitores vejam o modo como o Glorioso Prisioneiro do Vaticano agradece os serviços prestados a Si ou aos seus representantes, publicamos a carta, que S. Santidade dirigiu ao snr. conselheiro José Novaes, governador civil de Braga:

«Arnado filho, saude e benção apostolica. — É sempre da melhor vontade que dispensamos as mais amplas honras e damos os testemunhos da nossa benevolencia aos varões que, avantajando-se pelos seus talentos e virtudes, se gloriam grandemente de mostrar o seu acendrado affecto para conosco e a sua

fervorosa dedicação para com esta Sé Apostolica.

«Sabemos-te adornado de egregios dotés e dotado de preclaro engenho e saber e animado dos mais acrisolados sentimentos religiosos; e sabemos tambem que, como governador civil de Braga, empregaste toda a tua auctoridade e, por todos os modos, diligenciaste para que fossem prestadas, como effectivamente o foram, as maiores honras e distincções ao nosso veneravel irmão, arcebispo da egreja titular de Tyro. Domenico Jacobini, nuncio apostolico junto do rei fidelissimo de Portugal e dos Algarves, por occasião de acompanhar a grandiosa peregrinação ao monte chamado Sameiro.

«Por isso — para galardoar os sentimentos de piedade e religião de que deste tão publico e assignalado testemunho — entendemos dever dar-te tambem uma demonstração da nossa muito affectuosa benevolencia para contigo.

«Portanto, e por este especial motivo — absolvendo-te e dando-te por absolvido da pena de excommunhão e interdicto e de outras quaesquer sentenças, censuras e penas em que por ventura hajias incorrido — por estas Nossas Letras te elegemos e constituimos cavalleiro da grã-cruz da Ordem de S. Gregorio Magno, da classe civil, e te admittimos n'esta mui nobre e honrosa Ordem de cavalleiros.

«Por conseguinte concedemos-te, amado filho, que possas vestir o habito proprio dos cavalleiros da grã-cruz d'esta Ordem, e bem assim trazer e usar a respectiva medalha, presa do lado esquerdo, além da grã-cruz de ouro octogona, que apresenta no centro, em campo vermelho, a imagem de S. Gregorio Magno, e que seja sustentada por uma fita de sêda vermelha, com as extremidades franjadas de amarello, pendendo do hombro direito.

«Mas — para que se não dê nenhuma differença, assim no habito, como nas insignias a usar — mandamos-te seja entregue o schema adjuncto.

«Dada em Roma, junto de S. Pedro, debaixo do anel do Pescador, aos 3 de julho do anno de 1894 — e decimo sétimo do nosso pontificado. — *Leão XIII*».

\*

Uma rectificação: no ultimo numero do *Progresso Catholico*, referindo-nos ao acreditadissimo Collegio de S. Damazo, dissemos, que os seus alumnos fizeram 127 exames, ficando 109 approvados, 12 distinctos e apenas 6 adiados. Não é exacta esta noticia. Dos alumnos d'este estabelecimento, que é um dos primeiros no seu genero, 192 ficaram approvados, sendo 25 com distincção e 7 adiados. É um resultado brilhantissimo, que honra sobremodo a digna direcção e illustrados e zelosos professores do Collegio de S. Damazo.

R.

## ANNUNCIOS

### VIDA DO VENERAVEL

P.<sup>o</sup> FRANCISCO MARIA LIBERMANN

FUNDADOR

DA

Congregação do Espirito Sancto  
e do Immaculado Coração de Maria

Preço, 500 reis

À venda na administração do Progresso Catholico.

## PERFIDIA DO DEMAGÓGO

Scenas tragicas da revolução franceza

VERSÃO

DE

MATTOS FERREIRA

Preço, 300 reis

## HISTORIA DA APPARIÇÃO

DE

## Nossa Senhora de Saleté

COM VIA-SACRA E NOVENA

Preço, 60 reis

## O PRISIONEIRO

OU

## RAUL DE MONTE SAINT-JEAN

EPISODIOS DAS CRUZADAS

Preços:

Brochado..... 160 reis  
Encadernado em percalina..... 300 »

## AS BEMAVENTURANÇAS

OU A

## SCIENCIA DA FELICIDADE

POR

MADAME BOURDON

Preço..... 200 reis

À venda na administração do Progresso Catholico.

# O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MEZ

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis — Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente  
Provincias ultramarinas e paizes da União geral dos correios, 1\$000 reis — Estados da India, China e America, 1\$280 reis (moeda portugueza)  
Numero avulso 100 reis. — Edição de papel de luxo, mais 200 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um anno

REDACTOR

Padre Gaspar da Costa Roriz, Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco

ADMINISTRADOR

Simão Neves

Redacção e administração — Rua Nova de Santo Antonio n.ºs 55 a 59 — GUIMARÃES